



FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda

ANA CLARA CHAN ROSSI

MODA NO LESTE ASIÁTICO: SEMELHANÇAS E SINGULARIDADES

AMERICANA, SP

2025

ANA CLARA CHAN ROSSI

MODA NO LESTE ASIÁTICO: SEMELHANÇAS E SINGULARIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia “Ministro Ralph Biasi”.

Área de concentração: Consumo de moda

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

AMERICANA, SP

2025

ROSSI, Ana Clara Chan

Moda no Leste Asiático: semelhanças e singularidades. / Ana Clara Chan Rossi – Americana, 2025.

51f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - -
Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro
Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientadora: Profa. Ms. Daniella Romanato

1. Comportamento do consumidor 2. Cultura e sociedade 3.
Moda. I. ROSSI, Ana Clara Chan II. ROMANATO, Daniella III. Centro
Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de
Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.89

316.7

687016

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha
catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

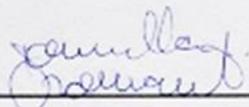
ANA CLARA CHAN ROSSI

MODA NO LESTE ASIÁTICO: SEMELHANÇAS E SINGULARIDADES

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi.

Americana, 25 de junho de 2025

Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Nancy de Palma Moretti (Membro)

Doutora

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Carlos Frederico Faé (Membro)

Especialista

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha avó por parte de mãe, Chin Shui Kum.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora, professora Daniella Romanato, minha família e meus amigos da faculdade, que levarei para vida.

RESUMO

O Leste Asiático, como outras regiões do mundo, apresenta tanto semelhanças quanto particularidades entre suas culturas e povos. Por estar distante do Ocidente, é comum que suas etnias sejam generalizadas, especialmente japoneses, chineses e sul-coreanos, que compartilham algumas características, mas também possuem diferenças marcantes em aspectos físicos, comportamentais e estilísticos. Este estudo busca explorar essas distinções, analisando os contextos históricos que moldaram as identidades desses países e comparando imagens organizadas em tabelas. Serão examinadas vestimentas tradicionais e estilos contemporâneos dos jovens, utilizando registros fotográficos disponíveis na internet. A pesquisa será fundamentada em bibliografias e artigos científicos, permitindo uma comparação detalhada das características físicas e da moda entre chineses, japoneses e sul-coreanos, destacando tanto as semelhanças quanto as diferenças entre eles.

Palavras-chaves: Moda; Orientalidade; Sociedade e Cultura.

ABSTRACT

East Asia, like other regions of the world, presents both similarities and particularities among its cultures and peoples. Because it is distant from the West, it is common for its ethnicities to be generalized, especially Japanese, Chinese and South Koreans, who share some characteristics, but also have striking differences in physical, behavioral and stylistic aspects. This study seeks to explore these distinctions, analyzing the historical contexts that shaped the identities of these countries and comparing images organized in tables. Traditional clothing and contemporary styles of young people will be examined, using photographic records available on the internet. The research will be based on bibliographies and scientific articles, allowing a detailed comparison of the physical characteristics and fashion among Chinese, Japanese and South Koreans, highlighting both the similarities and differences between them.

Keywords: Fashion; Orientalism; Society and Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Continente Asiático e, em destaque, os países que compõem o Leste Asiático	13
Figura 2 – Imagens selecionadas aleatoriamente no Twitter por programas de computador	15
Figura 3 – As etnias detectadas e reorganizadas por programas de computador, sendo na parte superior: chinês, meio: japonês, inferior: coreano	15
Figura 4 – Comparação de atributos de mulheres chinesas, japoneses e coreanos	16
Figura 5 – Comparação de altura e peso de norte-americanos, europeus ocidentais, chineses, japoneses e coreanos	17
Figura 6 – Comparação entre as medidas ocidentais e orientais.....	18
Figura 7 – Comparação entre rostos chineses, coreanos e japoneses.....	18
Figura 8 – Pálpebra única e pálpebra dupla.....	19
Figura 9 – Príncipe Shotoku e filhos e estudantes japonesas (1904).....	22
Figura 10 – Senhora japonesa vestindo quimono durante a cerimônia do chá no templo de Byodo-in e foto de um kimono em conjunto a um obi tirada na exposição do <i>Baltimore Museum of Art</i>	23
Figura 11 – Zori e geta	24
Figura 12 – Tabi e jikatabi	24
Figura 13 – Influência da moda ocidental nos anos de 1960	25
Figura 14 – Estilo de Issey Miyake em 1978, 1984 e 1997).....	26
Figura 15 – Estilo de Yohji Yamamoto em 1981, 1983	27
Figura 16 – Estilo de Rei Kawakubo em 1983, 1985 e 1987.....	27
Figura 17 – Fotos da Revista Fruits de 1999.....	29
Figura 18 – Pintura de damas da corte preparando a seda chinesa no século XII ...	31
Figura 19 – Fotos do período da dinastia Qing em 1871 e em 1925-30	31
Figura 20 – Ilustração do hanfu usado em cada governo chinês: (da esquerda para a direita) 1. Dinastia Han, 2. Dinastia Wei e Jin, 3. Dinastia do norte e do sul, 4. Dinastia Tang. 5. Dinastia Tang média, 6. Dinastia Song, 7. Dinastia Ming, 8. Dinastia Qing, 9. República da China.	32
Figura 21 – Sapatos tradicionais chineses	33
Figura 22 – Mao Tsé Tung em 1965 vestindo o blazer “Zhongshan”	34

Figura 23 – Fotos de chineses nos anos de 1980.....	35
Figura 24 – Modelo chinesa posando em frente a um Fiat em junho de 1996 e capa da revista Vogue China, edição de setembro de 2023.....	35
Figura 25 – <i>Soft power</i> chinês.....	36
Figura 26 – Estrutura básica do hanbok.....	39
Figura 27 – Mulher solteira e mulher casada; e bordado de vestido de noiva com peônias.....	39
Figura 28 – Mulher solteira e mulher casada; e bordado de vestido de noiva com peônias.....	40
Figura 29 – Sapatos tradicionais.....	40
Figura 30 – Mulheres coreanas em Seul na década de 70.....	41
Figura 31 – Psy (2012) e <i>Crash Landing On You</i> (2019).....	42
Figura 32 – AMBUSH e Gentle Monster.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Itens da imagem anterior reorganizados e comparados.....	16
Tabela 2 – Aspectos das fisionomias e vestuais de chineses, japoneses e coreanos	44

SUMÁRIO

1	Introdução	12
2	O Leste Asiático	13
3	Os biótipos do Leste Asiático	14
4	A moda no Leste Asiático.....	20
4.1	A moda japonesa.....	20
4.1.1	A moda japonesa tradicional	21
4.1.2	A moda japonesa dos anos de 1950 a 1980	25
4.1.3	A moda japonesa dos anos de 1990 a 2000	28
4.2	A moda chinesa.....	29
4.2.1	A moda chinesa tradicional	30
4.2.2	A moda chinesa a partir dos anos de 1980	34
4.2.3	A moda chinesa globalizada.....	36
4.3	A moda coreana	37
4.3.1	A moda sul-coreana tradicional	38
4.3.2	A moda sul-coreana dos anos de 1950 a 1990	41
4.3.3	A moda sul-coreana atual e a ascensão da <i>Hallyu</i>	41
5	Comparativo entre japoneses, chineses e coreanos.....	44
6	Conclusão	45
	Referências	46

1 INTRODUÇÃO

O território do Leste Asiático, assim como as demais regiões ao redor do mundo, possui semelhanças e singularidades entre suas culturas e povos.

Por se tratar de povos distantes do Ocidente, é comum a generalização dos mesmos, especialmente entre as etnias japonesa, chinesa e coreana, que possuem semelhanças, mas ao mesmo tempo inúmeras diferenças físicas, comportamentais e de estilo. Mas, como diferenciar a os aspectos físicos e a moda do Leste Asiático, especificamente entre Japão, China e Coréia do Sul?

Esse trabalho procura expor a ideia acima, diferenciando os três países pela análise dos contextos históricos para averiguar as razões que as tornaram assim, e através de comparação de imagens, posteriormente organizadas em forma tabela.

Serão analisadas, por fotos e registros disponibilizados na internet, as indumentarias antigas de tais países, e os estilos de vestir dos jovens, permitindo, por fim, que se compare características físicas e modo de vestir de chineses, japoneses e sul-coreanos, pontuando as diferenças e igualdades.

O trabalho será realizado a partir de pesquisas bibliográficas e artigos científicos sobre o assunto.

2 O LESTE ASIÁTICO

Esta pesquisa tem como objetivo diferenciar a moda do Leste Asiático, especificamente entre Japão, China e Coréia do Sul, países que fazem parte do continente Asiático.

Em números, de acordo com Guitarrara (S/d.), a Ásia Oriental ou Extremo Oriente é uma “região de 11,5 milhões de km² localizada no leste da Ásia e onde vivem 1,7 bilhão de habitantes. Apresenta economia dinâmica e concentra os países e territórios com maior PIB do continente, como China, Japão, Coreia do Sul e Hong Kong”.

Segundo o site Kumon Brasil (2023) “a Ásia é o maior continente do mundo, tanto em área como população”, tendo, portanto, “um conjunto de inúmeros costumes e tradições distintos”, principalmente pelo fato de que “as civilizações da Ásia são consideradas as mais antigas do mundo. Em conjunto com outras características particulares e modos de vida bem diferentes dos nossos, esta tradição dá uma dimensão da riqueza das culturas asiáticas”.

Figura 1 – Mapa do Continente Asiático e, em destaque, os países que compõem o Leste Asiático



Fonte: Antonio, 2024, p. 20.

De acordo com a revista Super Interessante (2016 apud Antonio, 2024, p. 20), quando se fala de Oriente, não se refere “apenas à divisão geográfica, mas também a religião, valores e cultura”. Com isso, na moda atual, segundo Antonio (2024, p. 21), “a Ásia Oriental, em particular, tem exercido um papel central na definição das tendências da moda global, influenciando significativamente os comportamentos de consumo em várias partes do mundo”.

3 OS BIÓTIPOS DO LESTE ASIÁTICO

Apesar dos indivíduos de países do Leste Asiático parecerem muito semelhantes de uma perspectiva ocidental, cada país dessa região possui características próprias, e é possível distingui-los através de detalhes sucintos em sua fisionomia e cultura.

Apesar disso, Mito (2010) relata que “o "software" de reconhecimento facial do cérebro tem as suas limitações, e uma delas é patinar sempre que se depara com um rosto de uma etnia diferente”. Para comprovar estas dificuldades, pesquisadores realizaram um estudo, observando as atividades cerebrais de 20 voluntários (metade de Europa e metade da Ásia) enquanto viam imagens de “faces genéricas de orientais e ocidentais”. Os pesquisadores perceberam que “os voluntários decoravam com facilidade rostos de gente da mesma etnia que eles. Mas quando um europeu começava a observar faces orientais, logo se perdia e já não sabia dizer se um novo rosto era inédito ou não – e vice-versa”. A exemplo disso, se “um japonês que nunca saiu do seu país, ao desembarcar, digamos, na Alemanha, vai achar todos aqueles loiros muito parecidos e se questionar como é que eles conseguem saber quem é quem no dia-a-dia”.

Roberto Caldara, neurocientista italiano-da Universidade de Glasgow (Escócia) e autor do trabalho publicado na revista científica "PNAS", diz que é interessante notar como esse cérebro limitado se adapta às grandes cidades cosmopolitas do presente, com gente de todo tipo nas ruas. "Se você for europeu, mas morar, digamos, em um bairro com muitos chineses, você vai ver muitos rostos orientais todos os dias. Mas, exceto se você tiver treinado seu cérebro para reconhecê-los no nível individual, tendo vários amigos chineses e sabendo diferenciá-los, você vai continuar achando todos muito parecidos." (Mito, 2010)

Desta forma, um morador de São Paulo, por exemplo, “para parar de confundir orientais (e irritá-los chamando, por exemplo, coreano de japonês), é necessário se entrosar socialmente- só passear no bairro da Liberdade não adianta”, ou seja, existem semelhanças e diferenças entre os orientais, mas não são tão grandes que possam ser caracterizadas de forma geral.

Para aprofundar está percepção, fazendo buscas na internet por artigos científicos, sejam escritos em português ou em inglês, que trouxessem dados concretos que dessem embasamento para diferenciar as etnias, apenas um artigo foi encontrado, mas que também faz uma análise comparativa através de Inteligência Artificial.

Figura 2 – Imagens selecionadas aleatoriamente no Twitter por programas de computador



Fonte: Wang et al., 2017, p. 1.

Figura 3 – As etnias detectadas e reorganizadas por programas de computador, sendo na parte superior: chinês, meio: japonês, inferior: coreano

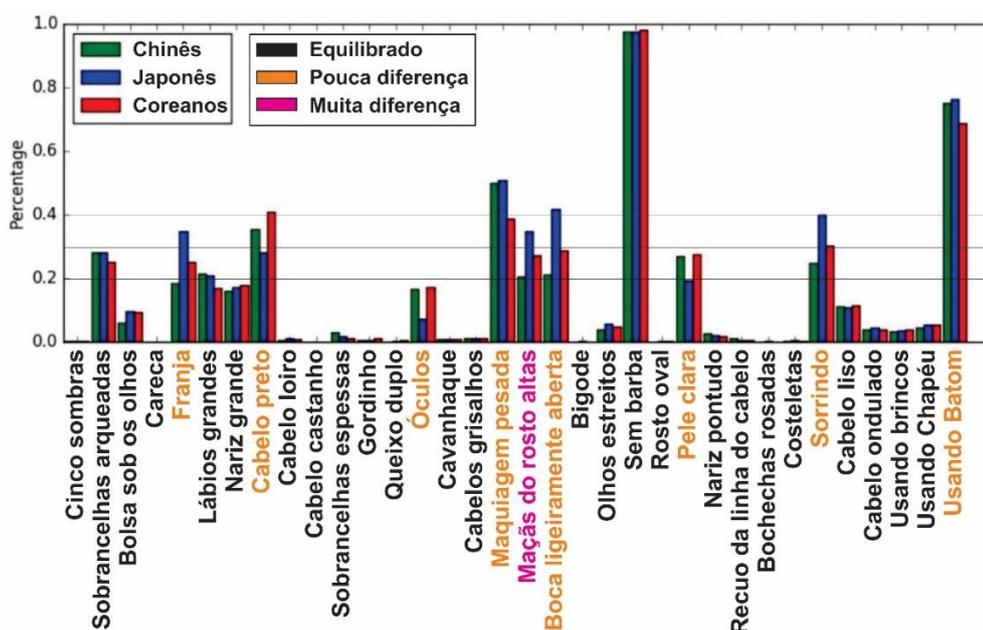


Fonte: Wang et al., 2017, p. 1.

Em 2017, uma pesquisa feita na Universidade de Rochester (NY, USA), intitulada “Eles parecem todos iguais? Decifrando chinês, japonês e coreano por meio de aprendizado profundo refinado” (tradução nossa), um grupo de pesquisadores do Departamento de Ciência da Computação (Wang et al., 2017), a partir de imagens rotuladas de pessoas destas etnias orientais (chineses, japoneses e coreanos), treinaram redes neurais de última geração e vários classificadores de atributos faciais para identificar as características mais distintas de cada grupo. Nas imagens anteriores, na primeira (Fig. 2) mostra as imagens misturadas, o que dificulta a distinção entre as etnias. Na outra (Fig. 3) as imagens foram agrupadas pelos programas de computador, demonstrando que, de fato, existem características que os diferenciam.

Os pesquisadores (Wang et al., 2017) perceberam que para algumas pessoas, as principais diferenças entre os três povos derivam do maneirismo e da moda, e não somente de características físicas. Desta forma, o estudo mostrou (Fig. 4), por exemplo, que “os chineses são os mais propensos a têm sobrançelas espessas, os japoneses sorriem mais e os coreanos são mais propensos a ter cabelos pretos” (tradução nossa).

Figura 4 – Comparação de atributos de mulheres chinesas, japonesas e coreanas



Fonte: Adaptado de Wang et al., 2017, p. 4.

Dentre os itens do gráfico, destacam-se algumas porcentagens com grande diferença, sendo na tabela abaixo ordenadas de 1 a 3 indicando maior ou menor porcentagem:

Tabela 1 – Itens da imagem anterior reorganizados e comparados

Atributo	Chinesas	Japonesas	Coreanas
Maçãs do rosto altas	3	1	2
Pele clara	2	3	1
Franja	3	1	2
Cabelo preto	2	3	1
Sorrindo	3	1	2
Boca ligeiramente aberta	3	1	2
Óculos	2	3	1
Maquiagem pesada	2	1	3
Usando Batom	2	1	3

Fonte: Da autora, 2025.

Observa-se na Tabela 1 que entre as características faciais, apenas a maçã do rosto teve um resultado com muita diferença entre as três etnias, sendo em torno de 0,2% das chinesas, 0,285% e 0,35%. A pele clara ficou quase com a mesma porcentagem para chinesas e coreanas, mas as japonesas se percebem com a pele mais escura. Já nos costumes, a indicação, por exemplo, de menos maquiagem e batom pelas coreanas seja, talvez, pelas restrições que elas vivam no país e não por gosto ou vontade própria. Já o uso de óculos por menor porcentagem de japonesas, pode indicar alguma questão genética de melhor conservação da visão.

Já em sites especializados em culturas orientais encontram-se análises feitas por percepção deles, mas que ajudam a diferenciar alguns outros pontos.

Segundo o site Coisas do Japão (S/d.), essas etnias, “geralmente, tem as mesmas características de pele”, que costumam ser “resistente ao envelhecimento e naturalmente clara”, e “têm quase sempre, um tipo físico mais magro e altura de média para baixa” em relação aos povos ocidentais.

Para se ter uma ideia melhor, buscou-se dados mundiais sobre peso e altura média de homens e mulheres. Os dados foram obtidos no site de Dados Mundiais (realizados em 2022). Na imagem a seguir (Fig. 5), os retângulos foram desenhados aplicando na largura a medida igual ao peso e na altura é ela mesma.

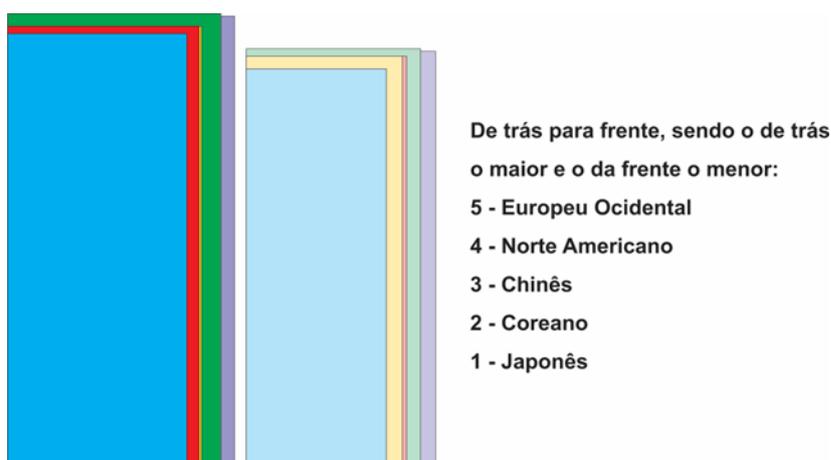
Figura 5 – Comparação de altura e peso de norte-americanos, europeus ocidentais, chineses, japoneses e coreanos



Fonte: Da autora, 2025.

Quando os retângulos são comparados lado a lado, como na figura anterior, percebe-se pouca diferença entre os três grupos étnicos orientais e os dois ocidentais, mas quando são sobrepostos percebe-se melhor que os japoneses são, em média, mais magros e mais baixos, e que, em média, os orientais são menores e mais magros que os ocidentais.

Figura 6 – Comparação entre as medidas ocidentais e orientais.



Fonte: Da autora, 2025.

Passando para a análise facial dos três grupos orientais, segundo o site Coisas do Japão (S/d.), em relação ao formato de seus rostos, “o rosto japonês é, geralmente, mais longo e mais largo, enquanto o rosto coreano, muitas vezes, tem um maxilar mais proeminente e as maçãs do rosto altas”, já o rosto chinês “é tipicamente redondo”.

Figura 7 – Comparação entre rostos chineses, coreanos e japoneses.



Fonte: Pinterest, 2025.

De acordo com o site Kumon Brasil, ainda que olhos asiáticos aparentem ser menores, eles “possuem o mesmo tamanho e formato que o de qualquer brasileiro ou europeu”, diferenciando-se por uma dobra na pálpebra, que cria a ilusão de parecerem maiores, como pode-se ver na imagem a seguir (Fig. 6), em que um simples traço já é o suficiente para gerar esta ilusão de ótica.

Além disso, no site da Revista Dicas (2024), também ressalta que “os cílios também podem parecer menos proeminentes devido à falta de uma dobra para levantá-los. Essa característica é típica de pessoas descendentes do leste asiático”.

Figura 8 – Pálpebra única e pálpebra dupla



Fonte: Revista Dicas, 2024.

Já o site Coisas do Japão (S/d.) diferencia os olhos da seguinte forma: “os olhos japoneses são, frequentemente, descritos como inclinados para cima. Ao contrário dos olhos chineses, geralmente inclinados para baixo. Já, os coreanos, geralmente, têm olhos menores”.

O Jornal “O Grilo” (2016), afirma que o formato dos olhos dos orientais é “uma característica adaptativa, por conta das regiões frias do alto Himalaia. Com menos abertura, é possível receber menos luminosidade causada pela reflexão da luz na neve”.

Fazendo-se uma análise comparativa entre os três grupos étnicos a partir de dados técnicos e informais colhidos nos artigos científicos e sites especializadas, pode-se gerar uma tabela, porém, como já explicado no início deste capítulo, nem tudo pode ser identificado apenas por estas características, justamente pelo fato destas terem diferenças muito pequenas.

Por fim deste capítulo, apesar dos pontos destacados, é preciso cuidado, pois, embora determinados aspectos estejam presentes na maioria desses povos, e seja possível identificá-los dessa maneira, é importante ressaltar que nem sempre as pessoas nascidas nesses países ou dessas descendências se encaixam nesse padrão, devido à miscigenação ao passar do tempo e a traços individuais de cada ser humano.

4 A MODA NO LESTE ASIÁTICO

O processo de globalização, segundo Toniol (2018, p. 4), “marcado pelos anos 90, influenciou diretamente a indústria da moda, não só no que diz respeito às questões econômicas, mas também no âmbito cultural”. Neste sentido, Toniol defende que as vestimentas são “um meio através do qual categorias e princípios culturais são codificados e tornados manifestos”, sendo também “um valioso meio de comunicação”, observado “em sua habilidade de carregar e comunicar significado cultural”.

A moda do Leste Asiático não é diferente, e, segundo Antonio (2024, p. 29), funciona igualmente “como dispositivo social”, que “evolui a partir das interrelações entre criação, cultura e tecnologia”, e envolve em sua formação “aspectos históricos, sociopolíticos e econômicos” da sociedade onde é desenvolvida.

Segundo Hope (2024 apud Antonio, 2024, p. 13), a moda “é como um espelho que reflete os valores e as origens de uma pessoa ou grupo” e trata-se de uma manifestação cultural “em constante evolução”, por ter uma “relação íntima com as mudanças sociais” que surgem com os anos.

Seguindo esse raciocínio, esse capítulo procura destacar as principais características da moda e cultura dos países do Leste Asiático (Japão, China e Coreia), que, apesar de próximos historicamente e territorialmente, possuem seus próprios estilos e singularidades, bem como semelhanças e conexões tanto na moda contemporânea como “espaço de diálogo cultural, onde estilos e tendências se entrelaçam, criando novas formas de expressão e identidade” (Antonio, 2024, p. 30), como na mais antiga quando os países ainda eram de certa maneira fechados ao resto do mundo.

4.1 A moda japonesa

Para quem conhece o Japão, sabe que os japoneses têm algo que pode ser chamada de “cultura de vestuário”, tanto é que “noções de corte e costura integram o programa oficial do ensino fundamental nas escolas” (Sato, 2008 apud Camargo, 2012, p. 41).

Neste sentido, apesar de que os grandes centros divulgadores da moda são Paris, Milão, Londres e Nova York, Sato (2008 apud Camargo, 2012, p. 41) afirma que “o centro criativo é Tóquio”.

Ainda de acordo com Sato (2008 apud Camargo, 2012, p. 42), desde a década 70 Tóquio e Osaka são considerados “centros das tendências da moda para as principais empresas e *maisons* europeias” por apresentarem “uma grande variedade de estilos”.

Sendo assim recomendável estudar a moda japonesa a partir de suas tradições, a fim de compreender suas influências e transformações ao longo do tempo. Para isto, este capítulo usará como base a pesquisa feita por Camargo (2012, p. 11) que é “uma revisão de literatura que utilizou autores especializados como Cristina Sato, Ank Suzuki, Ikari Mtsuki e Juliana Galende Uchideschi que discorrem sobre o tema Japão”.

4.1.1 A moda japonesa tradicional

Em relação ao vestuário típico japonês, Sato (2008 apud Camargo, 2012, p. 42) cita o quimono que é “uma das vestes tradicionais mais conhecidas do mundo e usado indiscriminadamente por todos no Japão até meados do século XIX”. Só a partir da Era Meiji (1868-1912) que, devido ao contato com o Ocidente, “houve uma mudança lenta, com a importação de vestidos, ternos e outras modas ocidentais”.

Somente com a Era Meiji (1868-1912), com a reabertura dos portos e a chegada dos ocidentais, que vieram a aparecer mudanças mais profundas e significativas na indumentária japonesa. No início do período Meiji, a roupa predominante ainda era o quimono, no entanto, com a industrialização, os novos estilos de vida e a implantação de uma moda ao estilo europeu, os policiais, as pessoas que trabalhavam para os serviços do governo, dos correios e dos militares passaram a adotar uniformes de estilo ocidental. Segundo um artigo sobre moda japonesa publicado no site da Embaixada do Japão no Brasil, um decreto federal editado na Restauração Meiji (1868) obrigou que todos os uniformes dos funcionários públicos, civil ou militar, adotassem a moda estilo ocidental. Após o final da I Guerra Mundial, os homens usavam ternos, camisas, calças e sapatos de couro. Quanto às mulheres, a aristocracia começou adotando vestidos de gala, importados da Europa, em reuniões formais na corte Meiji e nos bailes do suntuoso salão Rokumeikan (de 1883 a 1889). (Costa, 2019, p. 37).

Apesar da entrada da roupa ocidental, Costa (2019, p. 39) alerta que “o quimono e suas variações não se tornou um traje folclórico, pois nunca deixou de ser usado e de evoluir”, isto porque “o quimono está ligado à religião xintoísta e aos fundamentos da filosofia e da cultura japonesa, de tal maneira que vestir um quimono errado chega a ser um insulto aos japoneses”.

Sobre o quimono, morfologicamente, Sato (2007 apud Camargo, 2012, p. 45), a palavra “kimono” (*kiru*= vestir, *mono*=coisa) é traduzida como “coisa de vestir”, e, inicialmente, era utilizada para nomear qualquer tipo de roupa. Posteriormente, passou a ser referência apenas para roupas longas de usos distintos. Com o passar dos séculos, o design do quimono foi-se modificando.

KIMONO. Termo geral que designa o traje nacional japonês tanto para homem quanto para mulher. Ele é composto essencialmente por uma roupa longa aberta na frente, cujo lado esquerdo cruza o lado direito, fixando-se com uma faixa de tecido (*obi*). O quimono, que sucedeu ao *kosode* de mangas curtas (usado como roupas de baixo desde a época de Nara e que se tornou roupa de cima no século XVI), tornou-se o padrão do traje. Até o século XVII, as mulheres o fixavam apenas com uma faixa de tecido macio, mas ela foi substituída por uma faixa larga rígida provida de um laço nas costas (Frédéric, 2008, p. 652 apud Costa, 2019, p. 51).

Sobre a história do quimono, Sato (2008 apud Camargo, 2012, p. 63) explica que nos “séculos os séculos IV a IX, através do budismo e do sistema de governo da corte Sui chinesa, fez com que o regente japonês Shotoku (574-622) (Fig. 9a) adotasse as normas do vestuário estilo chinês na corte japonesa”, como aponta Bortoli (2008 apud Camargo, 2012, p. 64).

Figura 9 – Príncipe Shotoku e filhos e estudantes japonesas (1904)



Fonte: Bortoli, 2008 apud Camargo, 2012, p. 64; Pinterest, 2025.

Já na Era Heian (794-1185), de acordo com Bortoli (2008 apud Camargo, 2012, p. 64), “o afastamento da China oportunizou expressões culturais genuinamente japonesas, trazendo para o vestuário um estilo mais simples no corte, embora usando-se camadas e com sofisticação têxtil”.

Para Mayumi (2012 apud Camargo, 2012, p. 45) o quimono se trata do “vestuário exterior principal”, “um robe longo de mangas largas” que “pode ser feito de materiais diversos”, podendo ter acabamentos diferentes para cada clima e estação.

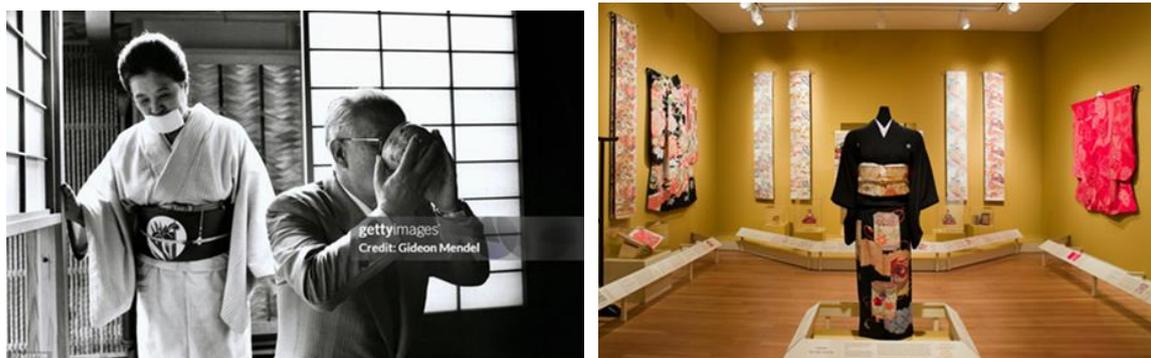
Sato (2007 apud Camargo, 2012, p. 45) salienta ainda, que o quimono “apresenta muitos estilos, cores e tamanhos”, além de possuir diferenças que indicam o “uso, tipo, idade, posição social, estado civil” da pessoa que o veste.

Neste sentido, Uchideschi (2013 apud Camargo, 2012, p. 45) completa que algumas das características que se diferenciam nos quimonos são:

O quimono mais longo tem um corte básico para todos os gêneros. As mangas é que diferenciam o sexo e idade. As mangas longas, características do “*furisode*” de uma mulher nova, apresentam-se mais curtas; as retangulares são para mulheres casadas; e para as mais velhas, as mangas também são mais curtas. As mangas dos homens são quadradas e não têm nenhuma abertura sob o braço. As variações do quimono devem-se ao uso de diversas fibras. Tradicionalmente são feitos de seda.

Independentemente destas diferenças, Sato (2007 apud Camargo, 2012, p. 47-48) lembra que, a peça, por ter um corte simples e amplo, se faz ajustável, dando a liberdade para quem a veste aplicar diferentes estilos e amarrações, bem como o uso de acessórios. Um dos mais importantes deles, o *obi*, que se trata de uma espécie de cinto que se coloca em torno do quimono, a fim de enfeitá-lo e garantir a segurança e a fixação das camadas vestidas. Assim como o próprio quimono, o *obi* é manuseado de diferentes maneiras que faziam indicações sobre a pessoa que o vestia.

Figura 10 – Senhora japonesa vestindo quimono durante a cerimônia do chá no templo de Byodo-in e foto de um kimono em conjunto a um obi tirada na exposição do *Baltimore Museum of Art*



Fonte: Getty Images, 2025; Baltimore Museum of Art, 2016.

Por ser a vestimenta comumente utilizada pelos japoneses durante muito tempo, o quimono se fez uma roupa versátil, cujo material e cores variavam, sendo os mais tradicionais trabalhados na seda, porém podendo também ser de algodão, com cores mais brilhantes e estampas florais e vivas para dias mais quentes, e de lã, flanela e materiais mais pesados para períodos mais frios.

Em relação as cores aplicadas aos quimonos, Sato (2007 apud Camargo, 2012, p. 45) destaca que “geralmente os homens usam cores mais escuras e as mulheres cores mais brilhantes, as mais jovens geralmente vestem com desenhos florais ou abstratos”.

Sobre o calçado típico japonês, Camargo (2012, p. 44) cita três tipos de calçado: o “*zori*” e o “*waraji*”, calçados simples feitos principalmente de palha e usados no trabalho, e a “*geta*”, sandália feita de madeira com suportes em sua sola, tornando-a elevada, ideal para dias de verão, chuva e neve, e presa aos pés através de uma tira de tecido que se encaixa entre os dedos.

Figura 11 – Zori e geta



Fonte: Pinterest, 2025.

Devido a esta tira entre os dedos, Mara (2009 apud Camargo, 2012, p. 43) explica que foi preciso desenvolver uma meia específica chamada de “*tabi*”, feita de seda, algodão ou couro, comumente de cor branca, com uma divisão entre o dedão do pé e os demais. Como uma variação do tabi, Mara (2009) também cita o “*jikatabi*”, feito de material mais resistente, a fim de ser usado também em ambientes externos.

Figura 12 – Tabi e jikatabi



Fonte: Pinterest, 2025.

4.1.2 A moda japonesa dos anos de 1950 a 1980

Camargo (2012) observa que “os quimonos e *obis* fazem parte das heranças para os japoneses: as melhores peças passam de geração e geração, como se fossem joias herdadas” (p. 47). Apesar disso, “o uso do quimono não faz mais parte do cotidiano dos japoneses” (p. 58). O motivo para isso pode ser:

Talvez devido ao custo, pois existem quimonos de seda que chegam a custar mais de um milhão de ienes. Além disso, há ainda o problema de colocar o quimono e amarrar o obi, processo complicado que foge à capacidade de muitas mulheres jovens. Outro motivo é a influência da moda ocidental, fazendo com que cada vez mais os japoneses não queiram usar as vestimentas tradicionais. Apesar de tudo isso, os quimonos ainda são muito usados em ocasiões especiais como casamentos e cerimônias de graduação. (Sato, 2007 apud Camargo, 2012, p. 58).

Figura 13 – Influência da moda ocidental nos anos de 1960



Fonte: Pinterest, 2025.

A partir II Guerra Mundial (1939-1945), segundo Camargo (2012, p. 68), “as culturas estrangeiras passaram a ser absorvidas com avidez” pelos japoneses, resultando em que todos os gêneros e todas as classes sociais passaram a usar roupas ocidentais diariamente.

De acordo com o site da Embaixada do Japão no Brasil (S/d.), apesar da dificuldade de um tempo em que a maioria das pessoas não tinham possibilidade de viajar ao exterior, “os filmes se converteram em uma fonte importante de informação relacionada às modas estrangeiras. No Japão se exibia muitos filmes que brindavam os japoneses com a oportunidade de ver a moda e o estilo de vida dos europeus e norte-americanos”. Com isso, “muitas modas passageiras surgiram como resultado dos filmes”, marcando o início da transição de uma moda exclusivamente tradicional para uma mistura de “influências japonesas com ocidentais”, completa o website da Japan House (2024a).

O site Paulista Cultural (2024) descreve a história da moda dos anos 50 do país como um período de remodelagem do quimono e das “roupas ocidentais em termos de função, higiene e economia”.

Apesar de que por um longo tempo a moda japonesa tenha recebido influências estrangeiras, nos anos de 1980 inicia-se uma inversão em que a moda japonesa passará a influenciar o mundo.

Neste sentido, já por volta dos anos de 1980, os designers japoneses como Yohji Yamamoto, Issey Miyake, Rei Kawakubo, Kenzo, entre outros, “se sobressaíram na moda internacional, propondo roupas tipicamente japonesas, feitas de tecidos naturais tingidos com ervas, cores neutras como o preto, o cinza e tons de terra, cheia de valores ancestrais e ecológicos” (Camargo, 2012, p. 71).

Issey Miyake, de acordo com Camargo (2012, p. 74-75), “decidido a tornar-se estilista, mudou-se para Paris em 1965 e trabalhou como assistente de Guy Laroche e Hubert de Givenchy. Porém ele não se identificou com a formalidade da alta costura oferecida às mulheres”. Em 1970, volta ao Japão onde passa a “produzir roupas de corte assimétrico com amplos tecidos sobrepostos que destacavam textura e que podiam revelar características surpreendentes conforme o movimento da pessoa ou de como a peça era usada”.

Figura 14 – Estilo de Issey Miyake em 1978, 1984 e 1997)



Fonte: Vogue, 2022.

De acordo com Camargo (2012, p. 47), como já mencionado na página 22, “inspirando-se nessa característica de seu uso por diferentes tamanhos de pessoas, Yohji Yamamoto criou para as roupas ocidentais o conceito de *one size fits all* (tamanho único)”.

Sua carreira internacional teve início em 1981, quando mostrou sua primeira coleção de alta costura em Paris. Suas roupas desestruturadas, em tecidos de aspecto simples, de cores lisas e fortes, contrastando com tons neutros, que enfatizavam texturas ao invés de estampas, bordados e brocados chocaram a imprensa especializada. Yamamoto tornou-se conhecido na década de 80 com uma moda atemporal e minimalista, sem o modismo de detalhes, baseada na sobriedade e na simplicidade dos quimonos dos monges zen-budistas usados há mais de mil anos. Seu estilo é assimétrico, com sobreposições soltas e funcionais. (Camargo, 2012, p. 74)

Figura 15 – Estilo de Yohji Yamamoto em 1981, 1983



Fonte: Pinterest, 2025.

Em 1969, Rei Kawakubo criou sua marca *Comme des Garçons*. Segundo Camargo (2012, p. 72) “ela seguiu Kenzo Takada, o primeiro a trocar o Japão pela França, trazendo para o Ocidente um conceito completamente revolucionário quanto às formas das roupas, criando, então, a marca do *New Japan Style*”. Este estilo apresenta “roupas pouco convencionais, desestruturadas, amassadas e rasgadas, com corte assexuado e cores sombrias que redefiniram conceitos até então imutáveis”, que acabou instalando “uma nova estética nas roupas ocidentais”. “Atualmente, ela é um nome consagrado no mundo todo, e continua a propor uma moda que sempre surpreende pelas novas soluções encontradas”.

Figura 16 – Estilo de Rei Kawakubo em 1983, 1985 e 1987



Fonte: Pinterest, 2025.

4.1.3 A moda japonesa dos anos de 1990 a 2000

Segundo o site Joy Box (2024), no período Edo (1603-1868), Harajuku (se traduz em “alojamento em prados”, refletindo suas raízes pastorais) era “uma pequena cidade postal ao longo da estrada principal que conectava Tóquio (então Edo) a Kyoto”. No período seguinte, devido a construção do Santuário Meiji em 1920, o bairro começou a atrair mais visitantes, mas a verdadeira transformação se deu após a Segunda Guerra Mundial.

A área ao redor da Estação Harajuku ficou conhecida como “Washington Heights”, uma área residencial para famílias militares americanas. Esse influxo de cultura ocidental teve um impacto duradouro na juventude local, que começou a experimentar moda e música. Na década de 1970, Harajuku se tornou o epicentro do movimento de contracultura de Tóquio. Os jovens se aglomeraram na área, ansiosos para romper com as normas tradicionais e expressar sua individualidade. (Joy Box, 2024)

Por ter sido o epicentro do movimento de contracultura de Tóquio, nas décadas de 1980 e 1990 o bairro “se tornou um caldeirão de várias subculturas” e passou a designar o “estilo Harajuku” (Joy Box, 2024). Isto teria ocorrido, segundo os sites da Embaixada do Japão (S/d.) e Japan House (2024a), com a situação econômica no país causada pelo colapso da bolha, há um clima de confusão e incerteza no cenário fashion. Foi um período em que diversas culturas e estilos coexistiram, fazendo uso de elementos e diferentes designs misturados, sem características muito específicas.

Do punk e gótico ao lolita e decora, as ruas de Harajuku eram uma exibição vibrante de criatividade. Boutiques e brechós como Laforet e Takeshita Street se tornaram famosas por suas ofertas de moda únicas e muitas vezes escandalosas. O estilo Harajuku era caracterizado por sua ousadia, mistura eclética de cores e padrões e um ethos do tipo “faça você mesmo” que encorajava a individualidade. (Joy Box, 2024)

Segundo o site da Japan House (2024b), a revista *Fruits* (uma das plataformas mais influentes de documentação sobre o *streetstyle* japonês entre os anos 1997 e 2017), “foi responsável por registrar como os jovens, que resistiam aos padrões de estilo da época, se vestiam na região de Harajuku”. “Até hoje, a criatividade e a espontaneidade desse movimento inspiram designers e amantes da moda do mundo todo”

Apesar de um momento a princípio bagunçado na história da moda japonesa, foi definitivamente um dos mais marcantes, e seus estilos e tendências, protagonizadas na época por jovens estudantes, são usados como referência até os dias de hoje, sendo lembrados como era significativa do *street fashion* japonês.

Figura 17 – Fotos da Revista Fruits de 1999



Fonte: MacNeill, 2022.

Diante disso, a moda japonesa traz uma perspectiva única, e, formada ao longo da história e moldada pelos acontecimentos políticos, econômico e culturais do país, representa uma parte importantíssima não apenas para a moda internacional, mas também para a identidade de uma nação.

4.2 A moda chinesa

A China, segundo Sousa (S/d.), é considerada uma das civilizações mais antigas do mundo. “O país possui uma das maiores economias do planeta e é também a terceira maior nação em extensão territorial. Atualmente, a China é um dos países mais industrializados do mundo, exercendo forte influência na economia mundial”.

Em relação ao vestuário, de acordo com um artigo da Revista Exame (China2brazil, 2023), “a China é um país com uma longa história repleta de tradição e, ao longo dos anos, suas vestimentas evoluíram significativamente”, tendo passado por “várias dinastias ao longo do tempo, cada uma com suas próprias características distintas”. Neste processo, “desde os tempos antigos até os dias atuais, a moda chinesa tem sido influenciada por fatores como a cultura, as condições climáticas, os avanços tecnológicos e a política”.

4.2.1 A moda chinesa tradicional

De acordo com Pereira (2018), atualmente, devido a sua forte economia (considerada a segunda maior do mundo) e “seu crescimento exponencial nas últimas décadas, a China despertou a curiosidade de muitos designers ocidentais que, inspirados pela sua extensa e rica cultura, criaram coleções com símbolos e designs chineses” (p. 24).

Ainda segundo Pereira (2018, p. 25), cada dinastia tinha seu estilo próprio, porém, “todas tinham uma característica em comum: a atenção à assimetria, proporção e equilíbrio”, além de ter um design colorido, com amplo uso de estampas, simbologias da cultura, bordados e pinturas. “Os principais símbolos da cultura chinesa são o dragão, o tigre, a serpente, entre outros, presentes nas vestes tradicionais e modernas” (p. 28).

O site da revista Exame (China2brazil, 2023) afirma que a dinastia Xia (2100 a.C. a 1600 a.C.), “primeira dinastia registrada na história chinesa”, utilizava roupas “feitas de peles de animais e tecidos simples como o linho”, e que foi a partir da dinastia seguinte, conhecida como Shang (1600 a.C. a 1046 a.C.), que passaram a fazer o uso de bordados e desenhos, à medida que as vestes se tornavam mais complexas. Enquanto isso, nos anos de 1046 a.C. a 256 a.C., durante reinado da dinastia Zhou, “a seda começou a ser utilizada na produção de roupas”, dando pontapé a um momento de “grande avanço e novas tendências”.

Em relação ao material utilizado para fazer o vestuário tradicional chinês, Pereira (2018, p. 25) destaca o uso da seda. Sobre a origem da seda, é comum encontrar em diversas fontes a lenda da Imperatriz Leizu, também chamada Xiling Shi, “era uma mulher do Imperador Amarelo, cujo reinado durou até 2070 a. C.” (Wang, 2017, p. 5). A lenda conta que:

Leizu sentou-se sob o galho obscuro de amoreiras a apreciar o seu chá de ervas. De repente, um casulo de bicho-da-seda caiu em sua bebida perfumada. A imperatriz tirou o casulo de sua tigela e ficou muito zangada, mas descobriu que ele começou a relaxar o fio e o tornou muito grande. Num instante, considerou que o fio poderia ser usado para fazer vestidos, e entre outros usos na vida social. Assim nasceu a indústria da seda, e a imperatriz foi chamada "A Deusa da Seda" desde então. (Wang, 2017, p. 7-8)

Figura 18 – Pintura de damas da corte preparando a seda chinesa no século XII



Fonte: Pinterest, 2025.

Com a chegada dos anos 206 a.C. a 220 d.C., período marcado pelo governo da dinastia Han, a revista descreve que “as roupas passaram a ser mais estruturadas, com cortes ajustados ao corpo e mangas longas”, e que as “cores das roupas também se tornaram mais vibrantes, advindas do “uso de tintas e corantes” (China2brazil, 2023). Foi nesse período, que segundo o instituto Ibrachina (2020) e o website Nin Hao (S/d.), o *Hanfu*, traduzido como “Vestes da Dinastia Han”, um dos estilos mais lembrados na história da indumentaria chinesa, foi popularizado, e a vestimenta composta “por uma túnica esvoaçante com mangas soltas e uma faixa na cintura” e “feitas principalmente de seda, um tecido luxuoso que era meticulosamente bordado com padrões intrincados e desenhos simbólicos”, mesmo que personalizada pelas dinastias que vieram depois, ainda hoje “é considerado um símbolo da autêntica cultura chinesa”, sendo na época “adotado por mais de 3 milênios”.

A partir daí, algumas dinastias relevantes na história da indumentaria do país, trazidas pela revista Exame (China2brazil, 2023), foram a dinastia Tang, que ocupou o poder durante 618 d.C. a 907 d.C., a dinastia Ming que governou de 1368 a 1644, e a dinastia Qing, que reina desde 1644, fim da dinastia Ming, até o ano de 1912.

Figura 19 – Fotos do período da dinastia Qing em 1871 e em 1925-30



Fonte: Pinterest, 2025.

Figura 20 – Ilustração do hanfu usado em cada governo chinês: (da esquerda para a direita) 1. Dinastia Han, 2. Dinastia Wei e Jin, 3. Dinastia do norte e do sul, 4. Dinastia Tang. 5. Dinastia Tang média, 6. Dinastia Song, 7. Dinastia Ming, 8. Dinastia Qing, 9. República da China.



Fonte: Xiaohongshu, S/d.

O sapato tradicional chinês usado com o *hanfu*, podendo ser uma sapatilha de tecido ou um tamanco de madeira. Segundo Barreiros (2019), “na China, muitas mulheres eram obrigadas a seguir um padrão de beleza até para seus pés”, o que acabou ocasionando o que se chamou de “pé de lótus”. Esta prática consistia em amarrar firmemente os pés com faixas de tecido, com os dedos “enrolados na direção da sola e espremidos até que quebrassem”, até que tomassem a forma de um botão de lótus (formato que lembra um triângulo), que deveriam medir entre 8 e 10 cm. “Esse processo começava logo cedo, já na infância dessas meninas — entre seus quatro e nove anos, pois elas ainda não estavam totalmente formadas”. “A prática dolorosa foi banida apenas no século 20, mas algumas famílias continuaram amarrando os pés de suas filhas em segredo por muito tempo”. Esta tradição, considerada símbolo de *status* e beleza, resultou em consequências físicas graves, pois, “ao viver assim desde crianças, elas tinham muita dificuldade em andar e caíam frequentemente. Além disso, poderiam ter deformações nos ossos do quadril e da coluna, assim como fraturas no fêmur”.

Acredita-se que o costume tenha surgido com dançarinos da corte da elite chinesa, durante o século 10, no período das Cinco Dinastias e Dez Reinos. Tornando-se comum, posteriormente, em toda a sociedade na dinastia Qing, o procedimento garantiria melhores casamentos: os homens se interessavam por mulheres com pés pequenos, o que explicaria a disseminação e persistência desse procedimento por tanto tempo na China. (BARREIROS, 2019)

Figura 21 – Sapatos tradicionais chineses



Fonte: Pinterest, 2025.

Segundo Tsui (2016, p. 3), uma propriedade das roupas da antiguidade chinesa eram suas formas planas, tanto para homens, quanto para mulheres, que eram feitas de maneira com que o tecido não abraçasse o corpo. Isso se dava pelo fato de que até um ponto da história, homens e mulheres no país não eram permitidos tocarem uns nos outros em público, impedindo que alfaiates, que eram todos homens, fizessem medições adequadas que resultariam em caimentos melhores. Contudo, isso começa a mudar a partir da introdução de técnicas ocidentais de modelagem de roupas, mais ou menos na metade dos anos 1900, que começaram a chegar com a Guerra do Ópio (1840-1842) e a chegada de comerciantes praticantes dessa técnica.

Ainda de acordo com Tsui (2016, p. 3), muito semelhante ao que se viu na história japonesa, a China também só passa a utilizar roupas características do ocidente, após a Revolução Cultural (1967-1976), ocorrida durante o governo de Mao Tsé Tung (1949-1976), e marcada por uma política de abertura, que permite finalmente que a população chinesa tenha contato com a cultura exterior, e passe a incorporar isso em suas vestimentas do dia a dia, mesmo que inicialmente com grande receio.

Um traje que marca esse momento da história é uma espécie de blazer chamada *Zhongshan*, que de acordo com o portal Inbrachina (2019), “foi peça-chave na moda masculina a partir da década de 1910”, traz uma estética que “envolve elementos ocidentais e orientais”, e “possui quatro bolsos, cinco botões centrais maiores na frente e três botões de punho menores em cada manga”, ficando “conhecido como “Traje Mao” por ter sido constantemente usada por Mao Tsé-Tung, fundador da República Popular da China”.

Figura 22 – Mao Tsé Tung em 1965 vestindo o blazer “Zhongshan”



Fonte: Pinterest, 2025.

4.2.2 A moda chinesa a partir dos anos de 1980

O lapso de tempo entre a era pós Mao e a atualidade parece representar um buraco na história da moda chinesa, visto que o mundo ocidental não tem fácil acesso a estudos dessa época, que costumam ser mais focados nas indumentarias tradicionais e da época do império.

Porém, é de certo que, com a chegada dos anos 80, segundo Tsui (2011, p. 139-140), ocorre no país grande influência da indústria de entretenimento, como as novelas e filmes exibidos na televisão, mídias impressas como revistas e jornais voltados para a vida social, ícones fashion e a música pop e rock ocidental, que com visuais ousados, ou somente distintos do que era acostumado o povo chinês, inspiraram novas ideologias, e trouxeram consigo um vigor, quebrando padrões antigos, e despertando um interesse por moda e beleza na população da China. Interesse que se manifesta nos anos seguintes com a criação de um novo sistema de moda no país, de instituições de ensino, com a chegada de marcas de luxo no

território, e com as versões chinesas de revistas como Vogue e Harper's Bazaar no ano de 2005, que de acordo com o Instituto Confúcio (Deodoro, 2020), desperta o interesse do mundo, que passa a considerar a China “como polo de criação e influência – e não apenas um nicho de (re)produção”.

Figura 23 – Fotos de chineses nos anos de 1980



Fonte: Pinterest, 2025.

Na atualidade, indicado pelo website Instituto Confúcio (Deodoro, 2020), a moda chinesa se dá de acordo “com diferentes manifestações econômicas, culturais e de comportamento”, que resulta em uma maneira de se vestir inusitada, e que em conjunto ao acesso à informação, ao “bom gosto, a curiosidade pelo novo e a habilidade de se inspirar em suas próprias referências tradicionais”, reinventa um cenário propício para a criação de uma moda que mistura tradição com modernidade no país do Leste Asiático.

Figura 24 – Modelo chinesa posando em frente a um Fiat em junho de 1996 e capa da revista Vogue China, edição de setembro de 2023



Fonte: Pinterest, 2025.

4.2.3 A moda chinesa globalizada

No campo da moda, no caso da China, seu alcance internacional não se deu por seu estilo de vestir, mas sim de produzir e comercializar.

Segundo Antonio (2024, p. 23), a estratégia chinesa é diferente por ser sutil, sendo chamada de *soft power* (do inglês, poder suave).

“De uma certa forma, uma marca chinesa com uma aceitação positiva de eficiência, modernidade e eficácia também é um grande *soft power*”, aponta Maske. “Uma empresa chinesa que coloca no mercado produtos bons vai trabalhar a favor dessa imagem de que aquilo que é produzido no país é de qualidade, fortalecendo a sua indústria”. Tanto que é interessante notar como o crescimento de marcas como *Xiaomi* e *Huawei* substituiu a velha imagem que muito se tinha há alguns anos de que a China era produtora de quinquilharia de baixa qualidade. Os aparelhos dessas empresas, impulsionados por plataformas como *AliExpress* e *Shopee*, mudaram o modo como a gente passou a enxergar a produção industrial chinesa e ficamos muito mais abertos a essas novidades. E o comercial da *Shopee* com Jackie Chan resume muito bem como tudo isso está interligado. (Ramos, 2021 apud Antonio, 2024, p. 23)

Figura 25 – *Soft power* chinês



Fonte: Ramos, 2021 apud Antonio, 2024, p. 23.

Segundo o website Amcham (2023), a China é um país que vem revolucionando o comércio online já faz algum tempo, sendo ainda mais impulsionada no período da pandemia da Covid 19, que fez com que as compras em comércio eletrônico aumentassem drasticamente. Combinando sua tecnologia e produção nacional de grande porte, “o país, sozinho, atende mais de 50% dos pedidos on-line realizados no mundo”, com suas vendas eletrônicas internas ultrapassando o de lojas físicas. Segundo a agência China2Brazil para a Revista Exame (2025), “as plataformas chinesas estão dominando o e-commerce brasileiro. Segundo o relatório “Setores do E-commerce no Brasil”, da *Conversion*, quatro das dez maiores plataformas do país são da China: *Shopee*, *Temu*, *Shein* e *AliExpress*”.

Dias (2023) escreve sobre os motivos do grande sucesso de lojas virtuais como a *Shein*, cujo foco é o setor de vestuário. Além da variedade de estilos de peças e de tamanhos disponíveis para compra, de formas de pagamento variado, cupons de desconto, frete grátis, preços acessíveis, e ótima infraestrutura logística, o site destaca seu “marketing orgânico – e viral”, que se difere dos demais presentes no mercado.

De acordo com Dias (2023) e website Amcham (2023), o país utiliza tanto de recursos básicos como *big data* e IA para treinamento do algoritmo, marketing personalizado e colaborações com artistas e personagens conhecidos, como também de técnicas que os separam do resto da indústria: a fusão dos aplicativos de venda com características semelhantes a redes sociais. Um exemplo disso é o aplicativo *TikTok*, que, fora ter uma função de compras dentro da própria rede social, o *TikTok Shop*, ainda é utilizado de maneiras diversas, em parceria com grandes e pequenos influenciadores, que postam conteúdos sobre marcas, criando looks, debatendo sobre estilos, subculturas e moda, divulgando cupons, e realizando lives com promoções e mostra de produtos em tempo real.

Essas e outras características destacam a China de maneira global, se tratando da moda e de lojas virtuais, que continuam crescendo, graças a sua acessibilidade e praticidade. Segundo a matéria do domínio Central do Varejo (2025), profissionais da área como Chia Yi Han, consultor da *Frost & Sullivan*, e Lionel Berthe, CEO da *Asendia Management SAS* da região asiática, afirmam acreditar que o país do Leste Asiático continuará a dominar o comércio on-line por pelo menos os cinco próximos anos.

4.3 A moda coreana

Segundo a estilista Kim Hye-Soon (apud Balducci, 2021), a Coreia do Sul é um país com aproximadamente 5 mil anos de história, tendo sido moldado em seu passado por diversas dinastias, que desenvolveram seus costumes e tradições, entre eles suas vestimentas.

“Durante bastante tempo existiu uma única Coreia. Porém, em 1948, o país se dividiu em Coreia do Norte e Coreia do Sul. Enquanto a primeira possui orientação socialista, a segunda é notoriamente capitalista” (Kumon Brasil, 2023).

Ainda de acordo com o site Kumon Brasil (2023), a cultura atual da Coreia do Sul é caracterizada como “vibrante, contemporânea e aberta ao ocidente”. De uns anos para cá, tem ganhado atenção mundial. Suas músicas, programas televisivos, pratos tradicionais e sua cultura única e distinta, tem conquistado um público internacional, e sua moda é descrita por Zanotti (2024) como criativa e original, que mistura “peças clássicas, modernas, casuais e elegantes, criando looks versáteis, confortáveis e expressivos”.

4.3.1 A moda sul-coreana tradicional

Segundo Balducci (2021), parte essencial da história coreana, o traje tradicional coreano é o *hanbok*, tendo atravessado gerações e permanecendo na cultura do país há mais de 2 mil anos. “Existem evidências históricas de que ele seja utilizado desde o período dos Três Reinos (57 a.C. – 668 d.C.), sobrevivendo à ocupação japonesa, que começou em 1910, e à divisão da península em Norte e Sul, após o fim da Segunda Guerra Mundial” (1939-1945).

Balducci (2021) explica a vestimenta como peça de “estilo único”, com uso de “linhas retas e cores vibrantes”, que fazem referência a natureza. “Era usado diariamente por todos e classificava a população de acordo com gênero, classe social, idade e ocupação”.

Neste sentido, de acordo com Ávila (2021), este traje, “além de trazer conforto e proteção”, também servia como “um meio de entendimento sobre as classes”, pois possuía características que tornavam possível essa identificação. “O *hanbok* de um membro da nobreza, por exemplo, poderia ser feito com materiais leves e de alta qualidade, como a seda, enquanto trabalhadores e plebeus vestiam uma versão de algodão” (Balducci, 2021).

Já sua estrutura básica consiste em duas partes: a superior chamada *jeogori*, uma espécie de jaqueta que cobre os braços e possui uma faixa de tecido que recorta a gola, e a inferior, que pode ser uma calça (*baji*) para os homens ou saia (*chima*) para as mulheres. Independentemente de gênero ou classe, todo *hanbok* preza pela fluidez e conforto do usuário, adaptando-se às formas do corpo de maneira elegante e funcional.

Figura 26 – Estrutura básica do hanbok



Fonte: Pinterest, 2025.

A simbologia que envolve as cores e bordadas, é explicado por Ávila (2021) em que nas cores “amarelo, vermelho, azul ou violeta eram muitos usados pela alta sociedade”; já as classes mais baixas utilizavam em seu dia a dia apenas o branco, salvando cores como rosa claro, verde, cinza e carvão somente para comemorações e datas especiais. “Mulheres solteiras usavam *jeogori* (jaqueta) amarelo e *chima* (saia) vermelho antes do casamento para mostrar sua virgindade e as mulheres casadas verde e vermelho após o casamento e para quando prestavam homenagens aos sogros” (Fig. 25a e 25b).

Ainda de acordo com Ávila (2021), “os bordados também traziam significado e *status* para quem os usasse”, como as peônias bordadas em vestidos de noiva “representando um desejo de honra e riqueza” (Fig. 25c), enquanto romãs e morcegos “representavam um desejo por filhos”, já dragões, fênix e tigres podiam ser encontrados bordados das roupas da realeza e do alto escalão.

Figura 27 – Mulher solteira e mulher casada; e bordado de vestido de noiva com peônias



Fonte: Ávila, 2021; Pinterest, 2025.

Quanto aos materiais, Ávila (2021) afirma que “as classes mais altas usavam *hanboks* feitos de rami (durante o verão), ou seda e cetim (no inverno)”; já as classes mais baixas “ficavam restritas ao cânhamo (no verão) e algodão (no inverno)”.

Figura 28 – Mulher solteira e mulher casada; e bordado de vestido de noiva com peônias



Fonte: Ávila, 2021.

Sobre os calçados tradicionais, existiam vários tipos, tanto para homens quanto para mulheres. Os sapatos mais comuns eram tipo sapatilha (*koshin*, *hye* e *dangunhye* feitos de seda para mulheres; já para os homens são o *taesahye* feitos de couro). Além destes, mulheres também usavam tamancos de madeira (*namaksin*) usados em períodos de chuva para proteger da lama e os homens podiam usar as botas (*mokhwa*) feitas de couro ou veludo, geralmente na cor preta.

Figura 29 – Sapatos tradicionais



Fonte: Ávila, 2021.

4.3.2 A moda sul-coreana dos anos de 1950 a 1990

Semelhante ao que já se viu nos capítulos anteriores sobre o Japão e a China, o site do Museu da Casa Brasileira (MCB) (2009), na ocasião da exposição “Moda Coreana – Arte e Tradição”, explicou que “com a entrada de roupas ocidentais no país durante a Guerra da Coreia (1950-53), e durante a rápida industrialização nos anos 60 e 70, o *hanbok* foi considerado não apropriado para o uso casual”, passando a ser substituído por roupas consideradas mais práticas (Fig. 28a). Porém, naquela época, por ser um país de regras rígidas, segundo o jornal Taipei Times (2006), foram adotadas Leis de Ofensas Menores (em vigor de 1970 a 1987, quando a Coreia do Sul se tornou uma democracia), em que se instituiu uma “polícia da moda” que patrulhava as ruas “carregando réguas e medindo o comprimento das saias femininas” (Fig. 28b), resultando na aplicação de multas ou até prisão para as mulheres que usassem saias muito curtas.

Figura 30 – Mulheres coreanas em Seul na década de 70



Fonte: Pinterest, 2025.

4.3.3 A moda sul-coreana atual e a ascensão da *Hallyu*

O mundo da moda gira em torno das famosas semanas de moda de Paris, Milão, Londres, Nova Iorque, entre outras, mas, assim como muitos países ao redor do mundo, a Coreia do Sul tem sua própria semana de moda.

O site Korean Cultural Center (S/d.) afirma que “hoje, a Coreia é casa de muitos designers de moda talentosos que ganharam reputação internacional com seus

designs criativos que combina designs tradicionais coreanos com a sensibilidade artística moderna”. Hoje é fato que os sul-coreanos preferem roupas inspiradas no estilo ocidental, usando os trajes tradicionais em ocasiões especiais como os casamentos, por exemplo. Estas roupas tradicionais foram admiradas “em muitas partes do mundo graças ao notável sucesso nos últimos anos de muitos filmes e dramas de TV coreanos”, fazendo surgir um “amor pela tradição e desejo pelo novo algumas vezes os levam à criação do atraente ‘*hanbok* modernizado’”.

Agora um nome conhecido em todo mundo graças ao “Gangnam Style”, uma música de K-Pop que chocou o mundo em 2012, Gangnam-gu em Seoul é um grande distrito no qual ricas áreas residenciais ficam ao lado de instalações de arte de ponta e das ruas da moda mais ocupadas da Coreia. O distrito agora atrai inúmeros turistas preocupados com o mundo da moda de todo o Leste Asiático e além com festivais anuais de moda que incluem desfiles de moda internacionais e concursos dos quais participam muitos designers em ascensão. (Korean Cultural Center, S/d.)

Bernardo e Lima (2019, p. 7 apud Antonio, 2024, p. 24) afirmam que “agora através do grande “boom” do *K-pop* (pop coreano) e a ascensão da *Hallyu* (onda coreana que abrange música, televisão, cinema, moda e outros aspectos culturais), temos muito mais acesso e conteúdo que podemos consumir para compreender seu mercado e cultura de forma fácil e satisfatória”.

Além do K-pop, os dramas coreanos (dramas) também têm uma base de fãs leal que ultrapassa as fronteiras asiáticas, impactando tendências culturais e comportamentos de consumo em uma escala global em séries como “*Descendants of the Sun*” (Descendentes do sol), “*Crash Landing on You*” (Pousando no amor), e “*Goblin*” têm conquistado audiências internacionais, promovendo não apenas a cultura coreana, mas também as marcas e estilos de moda apresentados nas séries. Isso leva os fãs a adotarem estilos de vestuário inspirados nos personagens, aumentando a influência coreana na moda global. (Antonio, 2024, p. 24)

Figura 31 – Psy (2012) e *Crash Landing On You* (2019)



Fonte: Pinterest, 2025; Yin, 2020 apud Antonio, 2024, p. 24.

Nesta moda moderna, Antonio (2024, p. 29) cita as marcas AMBUSH (*streetwear*) e Gentle Monster (*eyewear*) como marcas reconhecidas na moda mundial, bem como a visibilidade da *Seoul Fashion Week*, que vem ganhando atenção na mídia internacional.

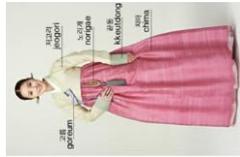
Figura 32 – AMBUSH e Gentle Monster



Fonte: Pinterest, 2025.

5 COMPARATIVO ENTRE JAPONESES, CHINESES E COREANOS

Tabela 2 – Aspectos das fisionomias e vestuais de chineses, japoneses e coreanos

Nacionalidade	Aspectos faciais		Rosto	Trajes tradicionais	Sapatos tradicionais	Moda casual (1960-1990)	Moda comercial internacional (atual)	Influência para o mundo
	Formato do rosto	Formato dos olhos						
Japoneses	Formato do rosto	Comprido e triangular						
	Formato dos olhos	Mais arredondados, maiores e inclinados para cima						
	Formato da sobancelha	Mais horizontal						
	Formato do nariz	Menor						
	Tamanho do dorso nasal	Mais pronunciado						
	Ossos da bochecha (maçã)	Altos						
	Formato da boca	Mais horizontal						
Cor da pele	Mais clara							
Chineses	Formato do rosto	Mais arredondado						
	Formato dos olhos	Mais puxados do que os dos japoneses, inclinados para baixo						
	Formato da sobancelha							
	Formato do nariz	Acahitado						
	Tamanho do dorso nasal	Maior						
	Ossos da bochecha (maçã)	Baixo						
	Formato da boca	Carnuda						
Cor da pele	Mais escura							
Coreanos	Formato do rosto	Queixo quadrado						
	Formato dos olhos	Menores e levemente arredondados						
	Formato da sobancelha	Anguladas						
	Formato do nariz	Pouco achatado						
	Tamanho do dorso nasal							
	Ossos da bochecha (maçã)	Altos						
	Formato da boca							
Cor da pele	Mais escura							

Fonte: Da autora, 2025.

6 CONCLUSÃO

A partir desse trabalho, e da tabela de comparação apresentada no tópico anterior, foi possível concluir que a moda, e especialmente a indumentaria desses países do Leste Asiático, tem muitas semelhanças, partindo do pressuposto de que possuem inúmeras características fundamentais em sua descrição em comum, como cortes mais planos e caimentos soltos e modestos em trajes antigos, por exemplo, e a combinação entre tendências modernas e ocidentais junto da tradição desses povos no cenário mais atual da moda.

Essa paridade pode estar ligada a proximidade desses países tanto geograficamente, como de suas origens, e, claro, historicamente, explicando o uso dos materiais, diferentes usos e tecnologias de cada peça, e um ponto que todos possuem em comum: seu fechamento a cultura exterior e abertura tardia ao restante do mundo.

Apesar de tantas semelhanças, que podem ser explicadas através dos contextos dos estudos referenciados, deve-se ressaltar que as culturas chinesa, japonesa e coreana possuem inúmeras distinções em suas fisionomias, símbolos culturais, uso de cores, e em sua moda mais recente, que se desenvolve de maneira distante em cada um desses territórios, além de outros aspectos não abordados nesse documento, como escrita, idioma, culinária e música, não podendo jamais ser consideradas “iguais”, especialmente quando julgadas por indivíduos sem nenhum contato com esses grupos e seus costumes.

Com esta pesquisa, espera-se, portanto, contribuir com uma melhor compreensão destas culturas que hoje estão em alta no mundo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Ariane da Silva. Cultura pop oriental e identidade da geração Z: um estudo das subculturas de moda. Monografia (Tecnólogo) – Curso de Têxtil e Moda, Fatec Ministro Ralph Biasi, Americana, p. 41, 2024. Disponível em https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/21565/1/20241S_Ariane%20da%20Silva%20Antonio_OD2174.pdf . Acesso em 08/2024.

ÁVILA, Isabela. Como trajes tradicionais diferenciavam as classes sociais na Coreia antiga. 03/03/2021. Disponível em <https://revistakoreain.com.br/2021/03/como-trajes-tradicionais-coreanos-diferenciavam-classes-sociais-na-coreia/> . Acesso em mar. de 2025.

BALDUCCI, Gustavo. Hanbok: traje milenar coreano se mantém atual. 2 de setembro de 2021. Disponível em <https://elle.com.br/moda/hanbok> . Acesso em ago. de 2024.

BALTIMORE MUSEUM OF ART. Kimono & Obi: Romantic Echoes From Japan's Golden Age. 2016. Disponível em <https://artbma.org/exhibition/kimono-obi/> . Acesso em mar. de 2025.

BARREIROS, Isabela. Pé de lótus: As mulheres chinesas que fraturavam os próprios pés. 23/08/2019. Disponível em <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-pe-de-lotus-quando-mulheres-chinesas-fraturavam-os-proprios-pes-para-casar.phtml> . Acesso em mar. de 2025.

CAMARGO, Ana Paula de Souza. Japão: a peculiaridade de sua cultura, arte e moda. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. Disponível em <https://www2.ufjf.br/posmoda//files/2013/05/monografia-revisadaAPSC.pdf> . Acesso em ago. de 2024.

CENTRAL DO VAREJO. Gigantes do e-commerce da China devem continuar dominando o comércio global nos próximos cinco anos, dizem analistas. 13/03/2025. Disponível em <https://centraldovarejo.com.br/gigantes-do-e-commerce-da-china-devem-continuar-dominando-o-comercio-global-nos-proximos-cinco-anos-dizem-analistas/#:~:text=As%20gigantes%20do%20e-commerce%20da%20China%20devem,de%20com%C3%A9rcio%20eletr%C3%B4nico%20se%20beneficiam%20de%20uma> . Acesso em mar. de 2025.

CHINA2BRAZIL. Moda chinesa é reflexo da história e cultura do país. 10/05/2023. Disponível em <https://exame.com/mundo/moda-chinesa-e-reflexo-da-historia-e-cultura-do-pais/> . Acesso em mar. de 2025.

CHINA2BRAZIL. Quatro das maiores plataformas de e-commerce no Brasil são chinesas. 11/03/2025. Disponível em <https://exame.com/negocios/quatro-das-maiores-plataformas-de-e-commerce-no-brasil-sao-chinas/> . Acesso em mar. de 2025.

COISAS DO JAPÃO. Você sabe distinguir o japonês de coreano e chinês? S/d. Disponível em <https://coisasdojapao.com/2017/08/voce-sabe-distinguir-o-japones-de-coreano-e-chines/> . Acesso em ago. de 2024.

COSTA, Tainara Araripe. Wafuku x yofuku: análise sobre a abertura dos portos japoneses e a introdução de uma nova indumentária no país a partir do mangá Rurouni Kenshin. Monografia (Bacharelado) – Curso de Design de Moda, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 61, 2019. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56257/1/2019_tcc_tacosta.pdf . Acesso em mar. de 2025.

DADOS MUNDIAIS. Altura média do homem e da mulher. 2022. Disponível em https://www.dadosmundiais.com/altura-media.php#google_vignette . Acesso em fev. de 2025.

DEODORO, Paola. A Inspiração que vem da rua. 2020. Disponível em <https://www.institutoconfucio.com.br/a-inspiracao-que-vem-da-rua/> . Acesso em mar. de 2025.

DIAS, Cláudio. Shein: oito motivos que fazem o e-commerce chinês ser tão forte no Brasil. 19/07/2023. Disponível em <https://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/shein-oito-motivos-que-fazem-o-e-commerce-chines-ser-tao-forte-no-brasil> . Acesso em mar. de 2025.

EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. Dos Vestidos de Corte às Grifes de Estilistas. S/d. Disponível em <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/moda.html> . Acesso em mar. de 2025.

GETTY IMAGES. Tea Ceremony at Byodo-in Temple. S/d. Disponível em <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/tea-ceremony-at-byodo-in-temple-imagem-royalty-free/576619708?adppopup=true> . Acesso em mar. de 2025.

GUITARRARA, Paloma. Ásia. S/d. Disponível em [https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-continente-asiatico.htm#:~:text=%C3%81sia%20Oriental%20\(ou%20Extremo%20Oriente,do%20Sul%20e%20Hong%20Kong](https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-continente-asiatico.htm#:~:text=%C3%81sia%20Oriental%20(ou%20Extremo%20Oriente,do%20Sul%20e%20Hong%20Kong). Acesso em jan. de 2025.

IBRACHINA. Moda Chinesa: nacionalismo, tradição e modernidade. 14/07/2022. Disponível em <https://ibrachina.com.br/moda-chinesa-nacionalismo-tradicao-e-modernidade/> . Acesso em ago. de 2024.

IBRACHINA. O milenar Hanfu ganha ares contemporâneos na China. 19/11/2020. Disponível em <https://ibrachina.com.br/o-milenar-hanfu-ganha-ares-contemporaneos-na-china/> . Acesso em mar. de 2025.

POLLO, Beatriz. Como a Coreia do Sul adaptou sua vestimenta tradicional para o século 21. 19 de abril de 2021. Disponível em <https://revistakoreain.com.br/2021/04/como-a-coreia-do-sul-adaptou-sua-vestimenta-tradicional-para-o-seculo-21/> . Acesso em ago. de 2024.

REVISTA DICAS. O que é uma pálpebra dupla: um exame transcultural dos padrões de beleza. 1 de abril de 2024. Disponível em <https://revistadicas.app.br/saude/o-que-e-uma-palpebra-dupla/> . Acesso em fev. de 2025.

RICELOVER PERSPECTIVE. Chinese? Japanese? Korean? How to Tell the Differences? 05/09/2008. Disponível em <https://ricelover.wordpress.com/2008/09/05/chinese-japanese-korean-how-to-tell-the-differences/> . Acesso em fev. de 2025.

ROMANATO, Daniella. Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word. Campinas: Incentivar, 2010.

SOUSA, Rafaela. China. S/d. Disponível em [https://brasilescola.uol.com.br/geografia/china-1.htm#:~:text=A%20China%20ou%20Rep%C3%ABlica%20Popular,maior%20na%C3%A7%C3%A3o%20em%20extens%C3%A3o%20territorial](https://brasilescola.uol.com.br/geografia/china-1.htm#:~:text=A%20China%20ou%20Rep%C3%ABlica%20Popular,maior%20na%C3%A7%C3%A3o%20em%20extens%C3%A3o%20territorial.). Acesso em mar. de 2025.

SOUZA, Suzana R. de. As origens da moda de rua japonesa e a representação imagética da ideologia Kawaii. In: 11º Colóquio de Moda, 2015, Curitiba. Disponível em <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-3-AS-ORIGENS-DAMODA-DE-RUA-JAPONESA.pdf> . Acesso em ago. de 2024.

TAIPEI TIMES. Minissaias não são mais ilegais na Coreia do Sul. 14/11/2006. Disponível em <https://www.taipeitimes.com/News/lang/archives/2006/11/14/2003336369> . Acesso em mar. de 2025.

TONIOL, Ana Paula Nobile. Moda e globalização. In: 7ª Conferência Internacional de História Econômica e XI Encontro de Pós-Graduação em História Econômica, 2018, Ribeirão Preto. Disponível em https://www.abphe.org.br/uploads/Encontro_2018/TONIOL.%20MODA%20E%20GLOBALIZA%C3%87%C3%83O.pdf . Acesso em mar. de 2025.

TSUI, Christine. 'Fashion' in the chinese contexto. In: JANSEN, Angela; CRAIK, Jennifer. Modern Fashion Traditions: Negotiating Tradition and Modernity through Fashion. London and Oxford: Bloomsbury Academic, 2016. P. 51-70. Disponível em https://www.academia.edu/102104184/_Fashion_in_the_Chinese_Context . Acesso em mar. de 2025.

TSUI, Christine. Chinese Fashion: From Mao to Now by Juanjuan Wu. Fashion Practice, Volume 3, Issue 1, 2011, pp. 137–142. Disponível em https://www.academia.edu/102104188/Chinese_Fashion_From_Mao_to_Now_by_Juanjuan_Wu . Acesso em mar. de 2025.

WANG, Ailin. Seda e Rota da Seda na história e cultura sino-portuguesa. Dissertação (Mestrado) – Curso de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, p. 83, 2017. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/22109/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> . Acesso em mar. de 2025.

WANG, Yu, et al. Do They All Look the Same? Deciphering Chinese, Japanese and Koreans by Fine-Grained Deep Learning. University of Rochester, NY, USA; Department of Computer Science. 2017. Disponível em <https://arxiv.org/vc/arxiv/papers/1610/1610.01854v1.pdf> . Acesso em fev. de 2025.

WINGFIELD-HAYES, Rupert. Como Japão mudou de 'terra do futuro' para 'preso ao passado'. 23/01/2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64388192> . Acesso em ago. de 2024.

XIAOHONGSHU. Um resumo dos trajes Hanfu de diferentes dinastias. S/d. Disponível em https://www.xiaohongshu.com/explore/652cac1e000000001f0343ef?app_platform=android&ignoreEngage=true&app_version=8.47.984&share_from_user_hidden=true&xsec_source=app_share&type=normal&xsec_token=CBGeOH2OVs3gYn9znJdK7fQNXmWvFKdF7lvxFZdmLrtkk=&author_share=1&xhsshare=CopyLink&shareRedId=ODg7Njw8ST02NzUyOTgwNjg0OTk0Nj87&apptime=1742510423&share_id=0f2e05c92dc149cbb5ad37e39269e447 . Acesso em mar. de 2025.

ZANOTTI. Como a moda coreana está influenciando as coleções brasileiras. 21/02/2024. Disponível em <https://zanotti.com.br/blog/moda-coreana-influenciando-colecoes-brasileiras/> . Acesso em mar. de 2025. Disponível em . Acesso em mar. de 2025.

O GRILO. “Oriental é tudo igual!”. 03/10/2016. Disponível em <https://medium.com/@JornalOGriLO/oriental-%C3%A9-tudo-igual-6fb81bc5656f> . Acesso em fev. de 2025.

VOGUE. Relembre 10 criações icônicas de Issey Miyake. 09/08/2022. Disponível em <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/relembre-10-criacoes-iconeas-de-issey-miyake.html> . Acesso em mar. de 2025.

AMCHAM. A revolução do e-commerce na China. 01/08/2023. Disponível em <https://www.amcham.com.br/blog/a-revolucao-do-e-commerce-na-china#:~:text=O%20e-commerce%20na%20China,on-line%20realizados%20no%20mundo> . Acesso em mar. de 2025.

JAPAN HOUSE. Efeito Japão: moda em 15 atos. 05/2024a. Disponível em <https://www.japanhousesp.com.br/exposicao/efeito-japao-moda-em-15-atos/> . Acesso em mar. de 2025.

JAPAN HOUSE. Sutorito Fashion: moda das ruas. 25/06/2024b. Disponível em <https://www.japanhousesp.com.br/exposicao/sutorito-fashion-moda-das-ruas/> . Acesso em ago. de 2024.

MIOTO, Ricardo. Estudo diz por que orientais são "iguais". 02/11/2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0211201002.htm> . Acesso em fev. de 2025.

SUPER INTERESSANTE. Onde começa e onde termina o Ocidente? 21/12/2016. Disponível em <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/onde-comeca-e-onde-termina-o-ocidente> . Acesso em ago. de 2024.